

Pretérito Perfeito do Indicativo nas *Cantigas de Santa Maria*

(*Past Tense Verbal Forms in the Cantigas de Santa Maria*)

Gisela Sequini Favaro¹

¹Departamento de Linguística – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

giselasfavar@gmail.com

Abstract: This paper aims at studying the structure of irregular verb forms in Archaic Portuguese (AP). The *corpus* consists of *Cantigas de Santa Maria* (CSM), which represent a more elaborate monument of literary importance and occupy a privileged place in the medieval Galician-Portuguese literature. From the mapping of all verb forms occurring in the corpus, it is possible to categorize the data into types, considering the presence of specific processes in the archaic period of the language.

Keywords: Historical Linguistics; archaic portuguese; irregular verbs.

Resumo: O objetivo deste trabalho é o estudo das formas verbais de padrão especial em Português Arcaico (PA). O *corpus* é constituído das *Cantigas de Santa Maria* (CSM), que representam o mais elaborado monumento da literatura e ocupam um lugar privilegiado na Literatura Galego-Portuguesa medieval. A partir do mapeamento de todas as formas verbais ocorrentes no *corpus*, é possível classificar os dados em tipos, considerando a presença de processos específicos, no período arcaico da língua.

Palavras-chave: Linguística histórica; português arcaico; verbos irregulares.

Introdução

Neste artigo faremos algumas considerações sobre as variações encontradas nos verbos de padrão especial mapeados nas *Cantigas de Santa Maria* (CSM), que não são específicas da morfologia verbal. Trataremos da variação na representação gráfica da vogal temática.

Optamos pela designação verbos de padrão especial por considerarmos mais condizente com os fatos do que a designação verbos irregulares (MATTOS E SILVA, 1989, p. 351). Segundo Mattos e Silva (1989, p. 351), os verbos de padrão especial, tradicionalmente chamados de irregulares, obedecem a determinadas regularidades que permitem classificá-los em subgrupos que trazem características mórficas semelhantes. Ainda para a autora, a especificidade desses verbos se insere basicamente na forma variável do lexema. Porém, vale lembrar que Mattos e Silva (1989) afirma que essa variação não apresenta a mesma natureza das que ocorrem com os verbos regulares, “que apresentam uma variação no lexema decorrente de regras fonológicas que não são típicas do verbo, mas gerais sempre que apareçam contextos fônicos que determinam essas variações” (MATTOS E SILVA, 1989, p. 344).

O objetivo deste artigo é mostrar os tipos de variações encontradas nos verbos de padrão especial no português arcaico (doravante PA), particularmente nas formas verbais mapeadas nas *Cantigas de Santa Maria* (CSM), na tentativa de mostrar que desde o PA as formas verbais irregulares do pretérito perfeito já apresentavam um estágio avançado em

sua evolução histórica, com características e fenômenos fonológicos que são semelhantes ao estágio atual da língua.

Corpus

O *corpus* de base para este estudo é constituído pelas *Cantigas de Santa Maria* (CSM). Foram elaboradas em galego-português e atribuídas a Dom Afonso X de Castela, o Sábio, com a colaboração de trovadores, músicos, desenhistas e miniaturistas que acolhia em sua corte.

A escolha das CSM como objeto de estudo dá-se devido à grande riqueza lexical que apresentam. De acordo com Parkinson (1998, p. 179), elas constituem um dos mais elaborados monumentos literário, musical e artístico da mais elevada importância. Mettmann (1986, p. 8) comprova a relevância desse *corpus* para o estudo do período medieval:

Por haberse logrado en ellas un perfecto equilibrio entre texto, melodias y pintura ocupan las Cantigas de Santa Maria un lugar privilegiado en la literatura medieval, y no cabe duda de que para su región 'autor', el "fazer sões" y el "pintar" no eran de menor importancia que el "contar", "trobar" y "rimar". Huelga subrayar el rango que en la historia de la espiritualidad les corresponde a las Cantigas como al monumento literario más destacado del culto mariano en la Península Ibérica, su interés para la historia de la métrica y, finalmente, su importancia como una de las fuentes más ricas del galaico-portugués antiguo.

Chamando atenção para o contexto em que essa antologia foi criada, Leão (2002, p. 1) nos mostra a riqueza dos trabalhos elaborados por Afonso X:

No mesmo scriptorium também se compilavam leis, ou se registravam em códigos várias normas consuetudinárias; escreviam-se tratados de várias ciências; registrava-se a história da Espanha, bem como uma história geral da humanidade; traduziam-se obras do hebraico, do árabe ou do grego por via do árabe; compunham-se obras sobre jogos e lazeres, como o xadrez e os dados; produziam-se poemas profanos e sacros, cujos textos eram copiados, musicados e miniaturados em belíssimos manuscritos.

Foi nesse espaço de efervescência cultural que nasceram as CSM, uma coleção de 420 cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria (das quais 356 são narrativas e relatam milagres marianos, e as demais, exceto a introdução e os prólogos, são de louvor ou se referem às festividades marianas), com notação musical (salvo o poema introdutório e algumas outras cantigas em que a notação musical não chegou a ser acrescentada, apesar de haver espaço previsto para essa finalidade). Parkinson (1998, p. 179) afirma que a intenção dessa coletânea sempre foi a de louvar a Virgem e aumentar a devoção a ela; por esse motivo, todas as cantigas são na verdade de louvor e exaltam a Mãe de Deus.

Segundo Filgueira Valverde (1985), as cantigas, assim como outras obras afonsinas, são escritas a partir de uma ideia de "exemplaridade". Esse fato não era uma mera inclinação pessoal, mas a direção dominante da época:

Así surge el "exemplum", con su carácter didáctico, de predicación, dando paso a un triple juego: teológico, moral e imaginativo. El orador expone su doctrina, saca la conclusión práctica e ilustra, con una narración o fábula, doctrina y conclusiones. Así, había entendido

el ejemplo la retórica clásica, en su utilidad para la comprensión, la persuasión y el recuerdo, apelando a la vez a la inteligencia, a la voluntad y a la memoria; así lo utilizo la cristiandad desde los Orígenes mismos de la predicación evangélica. (FILGUEIRA VALVERDE, 1985, p. 45)

Não sabemos ao certo quando foi escrita cada uma das 420 cantigas, mas as fases de sua elaboração distribuem-se ao longo de alguns anos. A situação das *CSM* no tempo tem como base as referências históricas que podem ser extraídas do próprio texto.

A biografia de Afonso X também é um fator crucial na datação dos poemas da coleção, sendo importante apontar os fatos mais relevantes de sua vida para poder supor aproximadamente a data de cada um dos manuscritos (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 62).

Afonso X era filho de Fernando III, rei de Leão e Castela, e de Beatriz de Suábia. Sua bisavó, Leonor, esposa de Afonso II, fundou o monastério de *las Huelgas* em Burgos. Sua bisavó, Berenguela, e os pais de Afonso X encontravam-se envolvidos em supostos milagres da Virgem Maria, que foram posteriormente, recontados por Afonso X nas *CSM*. A nova construção igreja de Santa Maria na cidade de Toledo foi iniciada por Fernando III por volta de 1225 e seu andamento acompanhou o crescimento de Afonso X (SNOW, 1987, p. 475).

Segundo Filgueira Valverde (1985, p.11), Afonso X nasceu em Toledo em 22 de novembro de 1221 e faleceu em Sevilha em 4 de abril de 1284. Tornou-se rei em 1252. Passou sua infância na Galiza e anos mais tarde casou-se com a princesa Violante ou Yolanda, filha de Jaime I de Aragão.

A sua corte foi o lugar de encontro de um grande número dos poetas galego-portugueses mais representativos e de muitos trovadores provençais, que encontraram em Afonso X não só o patrono como também o inteligente e interessado interlocutor (BERTOLUCCI PIZZORUSSO, 2002, p. 27).

Metodologia

A metodologia baseia-se no mapeamento das formas verbais do pretérito perfeito do modo indicativo nas *Cantigas de Santa Maria*. Contamos também com glossários, vocabulários, dicionários e especialmente o glossário de Mettmann (1972), como auxílio na categorização das formas verbais.

Abaixo, como ilustração, apresentamos alguns exemplos dos procedimentos de mapeamento dos dados coletados. As formas verbais coletadas estão realçadas em negro:¹

¹ Aqui, apresentamos os versos de 9 a 33, de um total de 91 versos da cantiga 7, versos de 37 a 46, de um total de 77 versos da cantiga 1 e versos de 12 a 17, de um total de 186 versos da cantiga 5.

(1) Fragmento da cantiga de número sete (CSM 7).

[...]

Porende vos contarey
un miragre que **achei**
que por hũa badessa
fez a Madre do gran Rei,
ca, per com' eu apres' ei,
era-xe sua essa.

Mas o demo enartar
a **foi**, por que emprennnar
s' **ouve** dun de Bolonna,
ome que de recadar
avia e de guardar
seu feit' e sa besonna
Santa Maria amar...

As monjas, pois entender
foron esto e saber,
ouveron gran lediça;
ca, porque lles non sofrer
quería de mal fazer,
avian-lle mayça.

E **fórona** acusar
ao Bispo do logar,
e el ben de Colonna
chegou y; e pois chamar
a **fez**, **vêo** sen vagar,
leda e mui risonna.

Santa Maria amar...

[...]

(2) Fragmento da cantiga de número um (CSM 1).

[...]

E non ar quero obridar
com' angeos cantada
loor a Deus **foron** cantar
e “paz en terra dada”;
nen como a contrada
aos tres Reis en Ultramar
ouv' a strela mostrada,
por que sen demorada
vêeron sa offerta dar
estranna e preçada.

[...]

(3) Fragmento da cantiga de número um (CSM 5).

Esta dona, de que vos **disse** ja, **foi** dun Emperador
moller; mas pero del nome non sei, **foi** de Roma sennor
e, per quant' eu de seu feit' **aprendi**, **foi** de mui gran valor.
Mas a dona tant' era fremosa, que **foi** das belas flor
e servidor de Deus e de sa ley amator,
e **soube** Santa Maria mays d'al ben querer.

Depois de mapeadas as formas em todas as cantigas do *corpus*, de acordo com os procedimentos descritos acima, são montados quadros, nos quais as formas verbais encontradas são classificadas por conjugação e número-pessoa, e tabelas, dando conta de todas as ocorrências.

Análise dos dados

Foram coletadas 5092 formas verbais conjugadas no pretérito perfeito do modo indicativo. Observe a tabela com a quantificação dos dados e o gráfico com a distribuição de porcentagem relativa a cada conjugação:

Tabela 1: Quantificação das ocorrências do pretérito perfeito mapeadas no *corpus*.

Número/ Pessoa	1ª Conjugação	2ª Conjugação	3ª Conjugação
1 ^a ps	50	112	64
2 ^a ps	3	15	18
3 ^a ps	1.219	2.095	665
1 ^a pp	6	5	2
2 ^a pp	6	13	6
3 ^a pp	320	336	157
Total Conjugação	1.604	2.576	912
Total Geral	5.092		

Foram quantificados 2.478 verbos de padrão especial, sendo que os que mais apareceram foram os seguintes verbos: *ser*, *ir*, *fazer*, *dizer*, *ver*, *querer* e *vir*. Nesse artigo, como mencionamos no início desta exposição, trataremos da variação gráfica e da variação da representação da vogal temática (VT) mapeadas nos verbos de padrão especial.

Começamos pela variação gráfica. Nesse caso enquadra-se a variação da representação de segmentos ora nasalizados, ora não nasalizados, nos verbos *teer~têêr*, *viir~vĩir*, *poer~poêr*. As variantes sem marcas gráficas de nasalidade podem indicar uma pronúncia variável sem marcas de nasalidade ou pode ainda indicar um lapso na grafia dessa marca.

Sobre esse assunto Said Ali (1964 [1931], p. 109) afirma que no PB o verbo *vir* tem a forma *vim*, retendo a nasalização antiga, já que em português arcaico existiam formas como *vêeste*, *vêo*, *vêeron*. Levando em consideração a opinião do autor, podemos criar a hipótese de que se trata de uma variação da pronúncia até se estabelecer a forma atual no PB, que apresenta a nasalidade, e não apenas tratar essas formas como um lapso na ortografia.

De acordo com Mattos e Silva (1989, p. 391), outro tipo de variação é a que incide na representação da consoante que fecha o lexema dos tempos do perfeito dos verbos *dizer*

e *fazer*. Essa consoante ora ocorre representada pela sibilante anterior ora pela posterior (*diss~dix; fiz ~fig*). Segundo a autora “nesses casos a representação gráfica correspondente à realização não-palatalizada é mais comum” (MATTOS E SILVA, 1989, p. 391).

A respeito da variação na representação gráfica da VT, dividimos essa categoria em dois subitens para melhor compreensão dos dados. O primeiro diz respeito a uma variação *e~i* que ocorre em alguns verbos de padrão especial, quase todos com VT*e*. E o segundo tipo é a variação de algumas formas verbais que possuem a VT precedida de uma consoante que pode fechar a sílaba.

Variação entre *e~i* na representação da VT de alguns verbos de padrão especial.

Na primeira e na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo dos verbos *saber, trazer e aver*, a vogal final que correspondente à VT está ora representada por *e* ora por *i*:

As formas são as seguintes:

- (4) *soubE ~ soubI*
trouxE ~ trouxI
ouvE ~ ouvI

O verbo *poder* também apresenta essa variação na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo *pudI ~ pudE*. De acordo com Mattos e Silva (1989, p. 392), as formas que apresentam a grafia em *e* são recorrentes do que as que possuem a grafia *i*. Tal fato foi comprovado nas CSM também durante a coleta dos dados:

- (5) *soubE* : 1 ocorrência
trouxE: 1 ocorrência
ouvE: 181 ocorrências ~ *ouvI* : 1 ocorrência

Observando os exemplos podemos notar que as formas que apresentam a grafia *e* são mais recorrentes. Não foi mapeada nenhuma forma do verbo *poder* na primeira pessoa do singular.

Sobre esta neutralização das vogais átonas finais, Fontes (2010, p176) afirma que, no que diz respeito ao grafema <i>, este ocorre esporadicamente, nas CSM, sobretudo em algumas formas verbais (ex. *fezisti, ouvi*, etc.), sempre variando com o grafema <e> (ex. *feziste, ouve* etc.). Segundo a autora, pode-se dizer, portanto, que a vogal átona final anterior está representada, nas CSM, de uma maneira geral e quase invariável, pelo grafema <e>.

Ainda sobre essa alternância, Maia (1997 [1986], p. 375-376) declara que:

Em posição final, quer em final absoluto quer quando entravado por sibilante ou nasal, ocorre habitualmente, de modo relativamente estável, o grafema *e*. Contudo, nos textos estudados, registrei também formas em que, em vez do grafema *e*, surge o grafema *i*. [...] O uso do grafema *-i* em vez de *-e* reflete um fenômeno que já existiria na língua falada de então e que se manifesta ainda em vastas zonas dos atuais falares galego-portugueses: a realização de /e/ final como [i] ou como uma vogal de timbre intermédio entre *-e* e *-i*.

Fontes (2010, p.182) ainda declara que foram encontrados pouquíssimos casos de variação entre <e> e <i>, em posição átona final, nas CSM. Na grande maioria dos casos

identificados, a variação ocorre entre formas verbais, conforme mostram os exemplos a seguir:

(6) **ouve** (CSM 1, 2, 4, 5, 7) / **ouvi** (CSM 25, 38)

Outra razon quero contar
que ll' **ouve** pois contada
a Madalena: com' estar
vyu a pedr' entornada[...] (CSM 1, v. 43-46)

O crischão disse: “Fiel
bõo tenno que t' ey pagado:
a Virgen, madre do donzel
que no altar ch' **ouvi** mostrado,
que te far ben connocer
como foi, ca non mentira;
e tu non queras contender
com ela, que mal t' en verria.” (CSM 25, v. 140-147)

ouviste (CSM 241, 350, 420, 422) / **ouvisti** (CSM 40)

“Ai Virgen groriosa, | tu que un fill' **ouviste**
por salvaçon do mundo | e criast' e nodriste [...] (CSM 241, v. 64-65)

[...] esto foi por que **ouvisti**
gran sen e cordura
em creer quando oisti,
ssa mesageria. (CSM 40, v. 20-23)

dixe (CSM 55, 125, 144, 233, 238) / **dixi** (CSM 196)

Compretas e madodinnos | ben ant' a ssa majestade.
Mais o demo, que sse paga | pouco de virgãidade,
fez, como eu ja **dixe**, | que sse foi con un abade,
que a por amiga teve | un mui gran tenp' en Lisboa. (CSM 55, v. 15-18)

Mente. E porend' aqeste | que vos **dixi** da primeira,
sacerdote dos gentiis, | queria de gran maneira
compõer hũa omagen | d' ídolo, que de certa
cosa lle desse resposta | faland' e non fosse muda.
Senpre punnou muit' a Virgen | per u fosse connoçuda. (CSM 196, v. 22-26)

diste (CSM 105) / **disti** (CSM 40)

E pois acordou, muito braadava
dizendo: “ Porqué me fust' enganar,
Santa Maria, pois en ti fiava?
ca en lugar de me dereito dar,
diste-me fogo que tan mal queimava. (CSM 105, v. 91-95)

Salve-te Deus, ca nos **disti**
en nossa figura
o seu fillo que **trouxiste**,
de gran fremosura,[...] (CSM 40, v. 25- 28)

feziste (CSM 6, 14, 32, 75, 84) / fezisti (CSM 40)

E pois que entrou, viu outros | maiores que os de fora,
muit' espantosos e feos, | e negros mui más ca mora,
dizendo: “Sal acá, alma, | ca já tenpo é e ora
que polo mal que **feziste** | sejas senpr' atormentada.” (CSM 75, v. 153-156)

Salve-te, que enchoisti
Deus gran sen mesura
en ti, e dele **fezisti**
om' e creatura; (CSM 40, v. 16-19)

A respeito da variação *-iste* e *-isti*, Fontes (2010, p. 181) faz uma análise da CSM 40:

(7) *Deus te salve, groriosa*
Rea Maria,
Lume dos Santos fremosa
e dos Ceos Via.

Salve-te, que **concebiste**
mui contra natura,
e pois teu padre **pariste**
e ficaste pura
Virgen, e poren **sobiste**
sobela altura
dos ceos, porque **quesiste**
o que el queria.
Deus te salve groriosa...

Salve-te, que **enchoisti**
Deus gran sen mesura
en ti, e dele **fezisti**
om' e creatura;
esto foi porque **ouvisti**
gran sen e cordura
en creer quando **oisti**,
ssa mesageria.
Deus te salve, groriosa...

Salve-te Deus, ca nos **disti**
en nossa figura
o seu Fillo que **trouxisti**,
de gran fremosura,
e con el nos **remisti**

da mui gran locura
que fez Eva, e **vencisti**
o que nos vencia.
Deus te salve, groriosa...

Salve-te Deus, ca **tollisti**
de nos gran tristura
u por teu Fillo **frangisti**
a carcer escura
u yamos, e **metisti**
nos en gran folgura;
con quanto ben nos **visti**,
queno contaria?
Deus te salve, groriosa.

Ao observar os dados, a autora diz que

[...] essas duas terminações representam um mesmo som, um som bastante próximo (com diferença nada ou muito pouco perceptível), uma vez que, conforme se pode observar, as mesmas rimas são repetidas em todas as estrofes: *-iste, -ura, -iste, -ura, iste, -ura, -iste, -ia, -osa, -ia, -osa e -ia*. Pode-se dizer, pois, que esse fato constitui um argumento a favor de se considerar que, no PA, não havia oposição fonológica entre /e/ e /i/, em posição átona final. (FONTES, 2010, p. 181)

Fontes (2010, p. 182) conclui que, a partir do dados apresentados, pode-se dizer que, no PA, não havia, de fato, distinção fonológica entre as vogais /e/ e /i/, em posição átona final. Os casos de variação entre os grafemas <e> e <i>, nos exemplos acima indicados, apontam no máximo para possíveis variações fonéticas na realização do mesmo fonema, no PA. Passemos agora para o segundo subitem.

Variação de algumas formas verbais que possuem a VT precedida de uma consoante que pode fechar a sílaba.

- a) Ocorre variação na representação das formas verbais em que a VT está precedida por uma consoante que pode fechar a sílaba. Fazem parte dessa categoria os verbos *querer, poer* e *fazer*.

As formas são:

- (8) fez ~ fezE
fiz ~ fizI
pos ~ posE
quis ~ quisE

De acordo com Mattos e Silva (1989, p. 392), as formas com apócope de VT são mais frequentes. Ainda segundo a autora, verbos de estrutura semelhante como *jazer* e *dizer* só apresentam formas com a VT igual a zero.

Mattos e Silva (1989, p. 392) afirma que do contexto em que essas formas ocorrem se depreende que sempre é escolhida a forma com VT quando a ela seguem os pronomes

o, os, a, as. Nesse contexto nunca ocorre forma apocopada. Nas CSM encontramos alguns exemplos que comprovam a afirmação da autora:

- (9) ESTA É DE COMO SANTA MARIA TOLLEU A ALMA DO MONGE
QUE SS' AFFOGARA NO RIO AO DEMO, E **FEZE-O** RESSOCITAR. (CSM 11, v. 1-2)
- (10) A madre con gran pesar
e con mui gran quebranto
começou log' a chorar
por seu fill' e fez chanto;
e pois **feze-o** chamar
e disse-ll' em ton tanto [...]. (CSM 115, v. 130-135)

Observe que, nos dois exemplos, as formas verbais são acompanhadas de pronomes átonos. Não foram encontradas as formas *fizi* e *puse* durante a coleta dos dados. A forma *quiso* não apresentou nenhuma ocorrência com o pronome posposto.

- b) A VT em sílaba acentuada está representada por *e* ou por *i* na segunda pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo em alguns verbos de padrão especial.

As formas são as seguintes:

- (11) *dessEsti* ~ *desIsti*
fezEsti ~ *fezIsti*
quisEsti ~ *quisIsti* ~ *quesIsti*

Nas CSM foram encontradas as seguintes formas para o verbo *fazer*:

- (12) *fezIsti*: 1 ocorrência (cf. CSM 40.18)
fezEste: 1 ocorrência (cf. CSM 21.41)
fezIste: 6 ocorrências (cf. CSM 15.62,32.39,75.156,84.63,132.114 e 165.50)

Não foram mapeadas formas dos verbos *querer* e *dizer* na segunda pessoa do singular. Note que a forma que é mais recorrente do verbo *fazer* é a que está grafada com */i/*. Vale ressaltar que nos verbos de padrão regular o sufixo MNP (modo-número-pessoa) é sempre grafado por */i/*. Já no caso dos verbos de padrão especial ocorrem alguns verbos que não apresentam a variação entre */e/* e */i/*. São eles: *saber*, *haver* e *trouver* (*trouxe*). Esses verbos só aparecem na segunda pessoa do singular na seguinte forma: *ouvEsti*, *soubEsti* e *trouvEsti*. Nas CSM não foram mapeadas nenhuma dessas formas.

- c) Variação de lexemas decorrentes de étimos distintos.

De acordo com Mattos e Silva (1989, p.395), o verbo *trager* apresenta nos tempos do perfeito os lexemas variantes TROUV- e TROUX-. No *corpus* de Mattos e Silva (1989, p. 395) a forma TROV- é a mais recorrente. Já nas CSM o ocorreu foi o inverso. A forma mais mapeada foi TROUX-. Mattos e Silva (1989, p. 395) ainda afirma que no português arcaico para o verbo *trager* havia também o lexema TROUG-, que não fora documentando em seu *corpus* e nem nas CSM.

Além do verbo *trager*, os verbos *jazer* e *prazer* também possuíam lexemas variáveis para os tempos do perfeito. São eles: JOUV~JOUG- e PROV~PROUG. Nas CSM os lexemas mais recorrentes são JOUV- e PROUG-.

A respeito dessa alternância de lexemas, Mattos e Silva (1989, p. 395) diz que “essa variação poderia indicar que houvesse para esses verbos em disponibilidade no latim hispânico três bases lexemáticas do tipo: *-ouu-, -*auc- e *-aux-, que resultaram nos lexemas portugueses”. Por sua vez, Williams (1961 [1938], §188.5) propõe que os étimos JOUV- e PROUG- provêm da forma clássica latina *jacui* e *placui* e considera analógica com *houve* do verbo *haver* as formas *jouve* e *trouve*.

Já para o verbo *trager*, Williams (1961 [1938], § 167.3 e § 200.60) propõe dois étimos distintos: **tracui* e **traxui*, que no português arcaico correspondem a *trougue* e *trouxe*. Piel (1989 apud Mattos e Silva (1989, p. 396) afirma que além das variantes apontadas há outra de base *treix-* para as formas do perfeito do verbo *trager* (*trazer*).

Mattos e Silva (1989) e Câmara Jr (1976 [1970]) afirmam que, de todos os verbos de padrão especial, o que mais apresenta complexidade mórfica é o verbo *seer*. De acordo com Mattos e Silva (1989, p.396), esse fato decorre de as formas desse verbo provirem da fusão de dois verbos distintos: *esse* (=ser) e *sedere* (=sentar) (cf. NUNES 1960; WILLIAMS, 1961[1938]; e CÂMARA JR, 1975).

Os lexemas dos tempos do perfeito - FU- ~ FO - provêm do verbo *esse*. Os demais tempos do não-perfeito possuem como lexema as seguintes formas: SO-, SON-, E-, ER-. Já os lexemas originados de *sedere* são SE-, SEJ- e SI, para os outros tempos do não perfeito que não possuem lexema provindo do verbo *esse*.

Vale ressaltar que as formas do pretérito perfeito do verbo *ir* também provêm da mesma FU~FO originários do verbo *esse*. Já as formas dos tempos do não-perfeito possuem os lexema I- e VA-, que por sua vez provêm dos verbos latinos *ire* e *vadere* (cf. WILLIAMS, 1961 [1938], § 187).

Conclusão

Através da análise dos dados concluímos que, desde o PA, as formas verbais irregulares do pretérito perfeito já apresentavam um estágio avançado na evolução histórica do português, com características e fenômenos fonológicos que são semelhantes ao estágio atual da língua, decorrentes de mudanças fonéticas e analógicas que se instalaram nas línguas românicas em período pré-literário.

A relevância deste estudo reside, principalmente, na descrição das formas verbais de padrão especial no que se refere à constituição verbal do pretérito perfeito do modo indicativo na época medieval. Além disso, estudando a formação dos processos verbais da língua portuguesa e comparando-os com os do português arcaico e do português atual, podemos contribuir para a observação de mudanças linguísticas que ocorreram nestes dois períodos e para a datação mais precisa dessas alterações.

REFERÊNCIAS

- BERTOLUCCI PIZZORUSSO, V. Afonso X. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Orgs.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2002. p. 142-146.
- CAMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1975. [1. ed.: 1970]
- FILGUEIRA VALVERDE, J. Introducción. In: ALFONSO X EL SABIO. *Cantigas de Santa María*: Códice Rico de El Escorial. Madrid: Castalia, 1985. p. XI-LXIII.
- FONTES, J.S. *O sistema vocálico do português arcaico visto a partir das Cantigas de Santa Maria*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - FCL-UNESP, Araraquara.
- LEÃO, Â. V. Questões de linguagem nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X. *Ensaios – Associação Internacional de Lusitanistas (AIL)*, 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/fale/pos/ail/leao01.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2005.
- MAIA, C. *História do Galego-Português*. 2. ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1997. [Reimpressão da edição do INIC, 1986.].
- MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores*. Estudos de Prosódia do Português Arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas. 2005. Tese (Livre Docência Linguística e Língua Portuguesa?) – FCL-UNESP, Araraquara.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas Trecentistas*: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.
- METTMANN, W. Introducción. In: ALFONSO X, EL SABIO. *Cantigas de Santa María* (cantigas 1 a 100). Madrid: Castalia, 1986. p 7- 42.
- NUNES, J J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa- Fonética e Morfologia*. Lisboa: Livraria Clássica, 1960. 1. ed. 1919.
- PARKINSON, S. As Cantigas de Santa Maria: estado das questões textuais. *Anuario de estudios literarios galegos*, Vigo, p. 179-205, 1998.
- PIEL, Joseph-Maria. *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa: Estudos Gerais - Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.
- SAID ALI, M. *Gramática Secundária e Gramática histórica da Língua Portuguesa*. Brasília: Universidade de Brasília, 1964. [1. ed.: 1931]

SNOW, J.T. Current Satatus of Cantigas Studies. In: KATZ, I.J.; KELLER, J.E. (Eds.). *Studies on the Cantigas de Santa Maria: Art, Music an Poetry*. Madison: The Hispanic Seminary of Medieval Studies, Ltd., 1987. p. 475-486.

WILLIAMS, Edwin B. *Do Latim ao Português*. 3.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1961. [1. ed.: 1938]